

Editorial

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

1

A construção de parcerias no fazer no repensar os conhecimentos educacionais da Geografia está na pauta desta nova edição da GEOSABERES. Quando o exercício de redação de um editorial demanda um caminho direcionado ao convite de leitura, temos o impulso natural voltado às temáticas apresentadas. Mas mediante o fato destas diversificarem-se em campos tão amplos (geotecnologias, igreja, jogos eletrônicos, percepções, TCC, trabalho de campo, livro didático, construção de saberes, entre outros) buscamos um passo seguinte em um aspecto latente da realidade exterior. A invisibilidade profissional dos docentes da escola básica incapaz de ser alterada pelos discursos hegemônicos, que anunciam “Amigos da Escola”, “Criança Esperança” ou “Todos pela Educação”, segue motivando-nos à leitura atenta desses trabalhos inéditos. Outras questões conjunturais das múltiplas crises aportadas no instigante século XXI, também podem requerer aqui mais um espaço de reflexão.

Contudo, a realidade exterior é tão aberta quanto fugidia. Muitas vezes deixa despercebida questões relevantes do próprio interior dos projetos acadêmicos e escolares. Preferimos observar uma dessas questões para apresentar os trabalhos aqui editados. Trata-se dos *estudos em parceria*. Portanto, da incomoda e recorrente lembrança de que os conhecimentos geoeeducacionais avançam melhor diante de autorias coletivas. O que nos permitirá um convite original (ou pelo menos diferenciado) para leitura desta 3ª edição da revista.

Iniciamos pela parceria do professor Adriano Figueiró com sua equipe no Rio Grande do Sul com o trabalho *(re) conhecendo o “lugar” de vivência por meio do uso de geotecnologias e trilhas interpretativas: uma experiência no município de Agudo-rs*. Aqui já temos uma ampliação da coletividade mediante a utilização do software livre Google Earth 5.2.1.1588 como recurso didático no Ensino Fundamental (9º ano da Escola de Educação Básica Prof. Willy Roos). A construção de pontos de referência na compreensão da cidade passa pelos desafios dessa equipe e da dupla de autores seguinte: ***Messejana: conflitos e parcerias entre igreja católica e outros agentes produtores do espaço urbano***. Estudo de Katiane Pereira e Paulo de Queiroz centrado na defesa do conceito de espaço para compreensão geral das pesquisas educacionais e investigação específica dos referentes eclesiais que consolidam a ocupação desse bairro no tecido urbano da cidade de Fortaleza.

Outra parceria forja-se necessariamente na prática de uso do jogo eletrônico. A idéia de contextualizar a sociedade em rede, apresentada por Francisco Pereira, Sergiano Araújo e Virgínia Holanda no desafio à formação continuada, faz de ***as novas formas de se ensinar e aprender geografia: os jogos eletrônicos como ferramenta metodológica no ensino de geografia*** um excelente momento para avaliar a reconstrução da Geografia no mundo virtual dos lares. E dos lares voltamos à percepção dos “deveres” no acolher (e ouvir) quem se lança à experiência da “alfabetização geográfica”. Em ***percepção dos formandos da escola normal de Alagoa Grande/PB: acerca do ensino-aprendizagem de geografia***, Jonathas Morais e Jossandra de Melo relatam e refletem esse processo, interligando à dimensão cultural densa e significativa dos lugares. E em continuação ao papel que as representações locais fornecem às crescentes parcerias na graduação, o estudo ***experiência de assistência à docência na disciplina “trabalho de conclusão de curso” (tcc): desafios e perspectivas***, de Nestor Perehouskei e Bruno de Angelis devolvem ao bacharelado em geografia a responsabilidade de incluir a perspectiva docente na formação dos futuros geógrafos.

O trabalho de campo em sua vitalidade empírica e conceitual é o objeto de análise de outra parceria. Fábio Matos e Tiago Gonçalves expõem a força representativa dessa metodologia de análise educativa em *reflexões geográficas a partir do trabalho de campo: experiências na Avenida Beira Mar – Fortaleza/CE*, apresentando mais um recorte urbano do lugar como linguagem para o encontro de saberes, acadêmicos e vivenciados; seja pelo fazer turístico; seja pelo fazer pedagógico. Ambos, cada vez mais, interdependentes da pesquisa. E para confirmar a regra das parcerias, na exceção aparente do trabalho de Rosilene Aires, *papel dos sujeitos sociais envolvidos no processo avaliativo de livros didáticos de geografia para as séries iniciais do Ensino Fundamental I*, tem-se a oportunidade de pensar o livro didático como um produto-processo interativo das parcerias Estado ⇔ Mercado Editorial ⇔ Atores Escolares.

A fundamentação teórica das reflexões geoeducacionais não se ausenta de nenhum desses trabalhos. Mas em *mobilização e construção de saberes na prática pedagógica do professor de geografia* de Claudivam Lopes e Nídia Pontuschka, o pensar sobre a proposição de Lee Shulmam a respeito do *conhecimento pedagógico do conteúdo*, favorece outra instigante reflexão sobre os vínculos locais (centrados em Maringá-PR) do exercício profissional do professor de Geografia.

A leitura e re-leitura das práticas de estágio profissional e dos incentivos a participação discente nas olimpíadas de conhecimentos geográficos são formas de outro tipo de parceria, muitas vezes recusado pela interpretação infantil de que o conhecimento não deva ser competitivo. No Espaço Metodológico e no Literário da revista, outros trabalhos tratam, mais diretamente, dois exemplos ligados à competição pela qualidade da formação docente/discente. Discutem parcerias profissionais interinstitucionais, seja da Universidade com a Escola, de Aloysio de Araújo Junior em *profissionalização docente: a função dos estágios obrigatórios na formação de professores de geografia*; seja na narrativa de Roberto Giansanti e Dante Grecco Neto em seu *relato de prática do desafio national geographic: um concurso nacional de geografia visto por dentro*. A busca por fatores que motivem a escolha e a permanência do profissional como Professor de Geografia passa, frente a esses diálogos metodológicos, pela ampliação do interesses cognitivos de diferentes comunidades escolares em verem-se como Aprendizes da Geografia.

Também no Espaço Literário, a parceria imaginativa é acolhida com as contribuições do poeta Ireleno Benevides em dois momentos sínteses: *Ancoragem e Ruminando e Estrumando*, em que os conhecimentos geográficos podem ser acolhidos, tanto pela fixação quanto pela mutação do nosso olhar sobre as coisas do mundo. Os resumos selecionados dos trabalhos finais de licenciatura da UFC, embora valorizem a face mutante desse olhar, não ignoram o peso potencial dos estudos de iniciação científica na vida escolar. Iniciação esta que deveríamos ao menos considerar ao inquirir sobre os indicadores de qualidade do ensino/aprendizagem, na rede escolar. É possível qualificar o trabalho de um docente em geografia, cujo cotidiano não envolve um grupo de estudo temático ou uma iniciação científica permanente? Há estudo qualitativo que dispense essa parceria?

Há pergunta é incomum esmo com uma resposta óbvia. Por isso mesmo, nos fixamos aqui diante de uma torcida, uma propositura frente um dos caminhos a seguir. Os 12 contributos apresentados nesta edição, não dispensam as iniciativas individuais de enriquecimento. Mas tais quais aqueles míticos “doze trabalhos de Hércules” podem veicular um projeto diferenciado de leitura: instigar a formação de grupos de estudo sobre o papel das parcerias de trabalho no conhecimento geográfico.

Claro que as concepções meta-disciplinares (da inter, da trans e da multidisciplinaridade) permanecem na ordem do dia. Mas parodiando o título de uma das obras de Pedro Demo, ao *educar pela pesquisa*, nada impede aos educadores de *estudarem pela pesquisa e com os outros*! A parceria de estudo nos grupos de estudo bem que poderia converter-se na *merenda escolar* nossa de cada dia, não?